



UNILAB

Universidade da
Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

UMARO BASSEM

**RACISMO CONTRA ESTUDANTES AFRICANO (A) NAS UNIVERSIDADES
PÚBLICAS DO NORDESTE BRASILEIRO**

REDENÇÃO – CE

2017

UMARO BASSEM

**RACISMO CONTRA ESTUDANTES AFRICANO (A) NAS UNIVERSIDADES
PÚBLICAS DO NORDESTE BRASILEIRO**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira, tem como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Bas Illele Malomalo

REDENÇÃO – CE

2017

UMARO BASSEM

RACISMO CONTRA ESTUDANTES AFRICANO (A) NAS UNIVERSIDADES
PÚBLICAS DO NORDESTE BRASILEIRO

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira, tem como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Basíllele Malomalo

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Basíllele Malomalo (Orientador).
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Professor Dr. Carlos Subuhano (Examinador).
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Professor Dr. Lourenço da Conceição Cardoso (examinadora).
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

REDENÇÃO – CE

2017

SUMÁRIO

1	RESUMO	4
2	JUSTIFICATIVA	4
3	PROBLEMA DE PESQUISA	5
4	HIPÓTESES	6
5	OBJETIVOS	6
5.1	GERAL	6
5.2	ESPECÍFICOS	7
6	REFERENCIAL TEÓRICO	7
7	METODOLOGIA	13
8	CRONOGRAMA	18
	REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICAS	18

1 RESUMO

O presente projeto visa mostrar a imigração voluntária de estudantes africanos(as) para o Brasil no âmbito da cooperação bilateral do ensino superior brasileiro. Por outro lado, o trabalho mostra as características do racismo, discriminação e do preconceito contra os(as) estudantes africanos(as) dentro das instituições públicas de ensino superior no nordeste brasileiro. O trabalho tem por base a pesquisa bibliográfica, abordando os principais conceitos teóricos e métodos. Também são usados documentos, vídeos, revistas, jornais, áudios, teses e artigos de pesquisadores que falam sobre imigração africana e sobre questões raciais relacionadas com estudantes africanos(as) no ensino superior nordestino brasileiro, com vistas a avaliar seus aproveitamentos, identificando as articulações e impactos entre tais conceitos. Com o objetivo de mostrar como se manifesta o racismo contra estudantes africanos(as) nas universidades públicas localizadas no nordeste brasileiro, estão incluídas nessas análises a Universidade Federal de Pernambuco, a Universidade Federal do Ceará e a Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Além disso, busca-se analisar, também, como reagem os(as) estudantes africanos(as) vítimas de racismo, bem como as ações e medidas tomadas pelas respectivas universidades contra os casos de racismo ocorridos em seus espaços.

Palavras chave: Racismo. Estudantes. Nordeste brasileiro.

2 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa se justifica no atual cenário social e político, considerando que o racismo nordestino se insere na esfera pública, sendo impactado e gerando impacto nas demais instituições públicas, sejam elas universidades, organizações da sociedade civil, grupos que sociais, no shopping, lugar público, no ônibus, etc. Nesse sentido, gostaria de me identificar, sou um estudante do Bacharelado em Humanidades no ensino superior público brasileiro. No âmbito cultural em que me insiro, me identifico como imigrante voluntário africano e negro no ensino superior brasileiro, lamentavelmente um dos poucos a manifestar interesse pelo tema do racismo, dada a minha condição de negro e estrangeiro no ensino superior brasileiro.

No começo do meu estudo no ensino superior brasileiro, as minhas ideias relativas ao racismo, discriminação e preconceito no nordeste do Brasil estiveram envoltas em ações

ardilosa. Essa ardilosalidade foi sentida na sala da aula, como também pela comunidade do Maciço de Baturité, onde fica a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). O debate sobre a cooperação entre Brasil e África no âmbito da UNILAB gerou uma polêmica. A existência de racismo tornou-se real. Eu não imaginava que havia racismo no Brasil, pois a ideia que eu tinha era de um Brasil de carnaval e de novela, onde não há racismo. A minha presença aqui no Brasil enquanto estudante africano no ensino superior brasileiro na UNILAB passou a conflitar com o meu olhar sobre aquilo que eu imaginava sobre o Brasil e com o que a maior parte dos(as) africanos(as) acreditavam a respeito.

Nesse sentido, fiquei supreso e mesmo chocado com a presença de um ódio dentro e fora da UNILAB para com os estudantes africanos(as). Infelizmente, esse ódio está presente e faz parte do cotidiano do nordeste brasileiro, principalmente no Maciço de Baturité. Minhas reflexões sobre essa situação e sobre esse sentimento negativo – seja pensando nos meus trabalhos acadêmicos relacionados ao tema, seja como vítima de racismo e até mesmo presenciando colegas internacionais sendo também vítimas de racismo – acabaram influenciando-me de modo que decidi que a minha pesquisa de graduação giraria em torno desse assunto. Sempre me defendo a questão racismo no interior quanto no exterior da universidade, chego a questionar-me por que razão que muitas pessoas se afirmam de maneira tão contrária à minha postura. A partir disso, é possível vislumbrar a importância da análise proposta, que tem como objetivo identificar a questão do racismo, da discriminação e do preconceito, levando pesquisadores e profissionais da área a uma reflexão sobre seu entendimento o respeito desses conceitos.

3 PROBLEMA DE PESQUISA

Este trabalho, como projeto de pesquisa de graduação, fará parte dos estudos das relações raciais e da imigração africana no Brasil. A imigração estudantil africana para o Brasil visa a estabelecer aproximações e distanciamentos entre fatos históricos, que mobilizam o olhar na busca dos eixos que possibilitam compreender a história dos povos na época de colonização. Por outro lado, o trabalho mostrará olhares e reflexões profundas, sobre repleto de incidentes de diferentes povos, buscando estabelecer matriz, das relações sócias entre povos relativamente iguais, das mesmas colônias e das mesmas histórias contemporâneas.

Assim, o problema da pesquisa central pode ser desenvolvido através da seguinte pergunta: De que forma que os estudantes africanos(as) no nordeste brasileiro sofrem racismo nas universidades públicas do nordeste brasileiro? Além do problema desta pesquisa central, algumas questões específicas orientarão o desenvolvimento desta pesquisa: Como reagem estudantes africanos(as) vítimas de racismo nas universidades públicas no nordeste brasileiro? E quais são as ações e medidas tomadas pelas universidades contra os atos de racismo ocorridos em seus espaços?

O objeto de pesquisa será constituído por estudantes africanos(as) conveniados(as) nas universidades públicas no nordeste brasileiro, através da imigração voluntária desses estudantes africanos(as) para nordeste brasileiro, cuja temática inclui a responsabilidade da cooperação bilateral entre o Brasil e a África.

4 HIPÓTESES

As hipóteses deste trabalho podem ser formuladas da seguinte forma: o racismo que afeta os negros africanos, com a finalidade da dominação de seus corpos e em defesa dos interesses dos dominadores racistas, machucam suas vítimas, deixando sequelas psicológicas e criando a exclusão social. Para reagir contra a desumanização causada pelo racismo, as vítimas recorrem à solidariedade de suas associações, movimentos da causa negra ou organizações sociais de estudantes africanos. Sobretudo, porque os docentes, os discentes, os técnicos administrativos em educação e as instituições de ensino investigados demoram em analisar e admitir que ocorrem casos dessa natureza, bem como a adotar medidas ou posturas apropriadas para combatê-las.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

A pesquisa tem como objetivo geral procurar entender as diversas formas pelas quais os estudantes africanos(as) sofrem racismo, preconceito e discriminação dentro das instituições públicas e buscar entender as medidas tomadas por essas instituições perante as vítimas. Para tanto, este estudo centraliza-se, especificamente, em quatro universidades federais, sendo elas: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

(UNILAB), Universidade Federal do Ceará (UFC), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

São objetivos específicos deste projeto de pesquisa:

- Compreender como se manifesta o racismo contra estudantes africanos(as) nas universidades públicas localizadas no nordeste brasileiro;
- Analisar as diversas formas como que os estudantes africanos(as), vítimas de racismo, reagem a esse fenômeno;
- Identificar-se ações e medidas tomadas pelas universidades contra os atos de racismo ocorridos em seus espaços.

6 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico para pesquisa será construído através de estudos bibliográficos de autores renomados no assunto que analisam e discutem as questões da Imigração voluntária dos estudantes africano(as) para o nordeste brasileiro. Destacamos que, nesse contexto, o racismo, o preconceito e a discriminação são problemas básicos a serem desenvolvidos nesse trabalho da pesquisa.

Nessa expectativa, a contribuição de autores como Langa (2014), Malomalo (2016), Souza; Malomalo (2016), Hall (2003), Subhuana (2009) e Tcham (2012) tornam-se um alicerce valioso para o nosso trabalho, pois mostram cominhos para entender questões relativas à imigração, racismo, preconceito e discriminação no nordeste brasileiro.

Hall (2003), uma das principais referências de estudos sobre a diáspora, argumenta que o conceito de diáspora é a ação de ser em relação irônica na disposição natural que leva alguém a se mover em direção à outra pessoa, ou não, permitindo, neste sentido, várias interpretações. Ao enfatizar a questão de diáspora, Hall afirma que o conceito de diáspora passa ser aceitável na sociedade como uma diferenciação da origem dos indivíduos na sociedade, e essa manifestação migratória nada mais é do que a quantidade conhecida que serve de base à solução de um problema. Deve ser levado em consideração que para exercer certa influência naqueles que “são imigrantes” é preciso possuir autoridade, considerando pessoas em determinados fatos históricos, induzidos pelas suas aspirações e pelas suas determinações.

A partir desta afirmação, pretende-se afirmar que, na posição da diáspora, as identidades se tornam múltiplas. Por um lado, tratam-se de pessoas que viajam com frequência para diversos países, tendo certa capacidade de adaptação a diferentes hábitos culturais e modos de vida. Já, por outro lado, outros “sentem que a terra tornou-se irreconhecível”. O que era completamente considerado como união da natureza, cujo desenvolvimento não é permitido no tempo que

[...] possuem, tivessem sido interrompidos por sua experiência diásporas. Finalmente sentiu-se por ter estado em casa. Mas sucesso dos acontecimentos que caracteriza uma ação que aconteceu de maneira incidental de um modo que não se pode revogar [...] (HALL, 2003, p.27).

A partir desta afirmação, pretendemos verificar uma das principais referências dos estudos de Langa (2014), sobre *Diáspora africana no Ceará: representação sobre as festas e as intenções afetivo-sexual de estudantes africanos(as) em Fortaleza*. Segundo Langa, na década de 1990, houve a chegada dos estudantes angolanos ao estado do Ceará.

Para enfatizar no que diz respeito à Diáspora africana no Ceará, o autor mostra ainda que nessa época chegaram estudantes dos países da língua oficial portuguesa (PALOP) para se inserirem na Universidade Federal do Ceará (UFC), através do Programa de Estudantes convênio Graduação (PEC-G).

Ao nosso olhar como estudantes africanos(as) no solo brasileiro, percebemos a conjuntura e a existência de relações que está acima do considerado nacional, das feições bem caracterizadas de um mundo globalizado, dentro do campo das relações que lhe é natural. Por essa razão, afirma Gusmão (2009):

Assim, a circulação internacional como finalidade de estudo faz-se no interior de um campo de poder que envolve a possibilidade da ascensão social e política para estudantes, famílias e grupos sociais diversos, que ordenam por mecanismos singulares um campo de tensão entre sujeitos migrantes, quando fora de lugar (GUSMÃO, 2009, p.16-17).

Para Subhuana (2009), indicando o que foi registrado, a primeira turma de estudantes dos países africanos da língua oficial portuguesa (PALOP) a “imigrar” para fora dos seus países com o objetivo de continuar com suas carreiras universitárias passou a ter existência real na metade da “década de 1950” por meio das “missões (Igreja) protestantes”. Subhuana salienta ainda que “num primeiro momento para a África do Sul e para outras colônias inglesas, e depois para Portugal, França, Suíça, RDA, EUA e Inglaterra, entre outros”. Essas primeiras turmas, que obedeceram às aproximações com comunistas franceses e com as

ideologias “liberais florescentes nos EUA”, tornaram-se salientes forças que geraram segmentos de luta dentro do país para libertação dos invasores.

A partir desta afirmação, o “convênio educacional entre o Brasil e os países africanos(as)” é resultado da Universidade da Bahia-UBA por parte dos diplomatas pioneiros da referida Universidade, através do centro de estudo “Afro-Oriental-CEAO com Itamaraty” (TCHAM, 2012, p. 19). Sendo que o primeiro grupo de estudantes africanos(as) que chegou à Bahia, em 07 de setembro de 1961, foram 05 estudantes de Gana, 04 de Senegal, 02 de Cabo-Verde, um de Camarões e três místicos de origem francesa (TCHAM, 2012, p. 20).

No que se refere ao processo da imigração dos estudantes africanos(as) para o Brasil, ocorreu concretamente nos estados do nordeste brasileiro, além de assuntos relacionados aos seus países de origem. Por outro lado, vale lembrar as questões relacionadas os processos de sociabilidade, inserção social e cultural desses estudantes em um país com forte propaganda contra atos de discriminação e racismo. Sendo assim, “ao fazermos uma rápida retrospectiva sobre o convênio Educacional brasileiro, identificamos de imediato que desde 1919, já se registrava a presença de estudantes estrangeiros no Brasil” (TCHAM, 2018, p.21).

O século XXI tem sido marcado por um grande compromisso de consolidação de uma ordem concebida pela razão moderada, onde o mundo contemporâneo investiga a consolidação do progresso tecnológico, bem como o crescimento econômico que viabiliza a capacidade de agir, dotada de um eixo estendido na horizontal, utilizado com “conhecimento, emancipação e identidade” em ações de desenvolvimento autossustentável (GUSMÃO, 2009, p. 15).

O pressuposto assumido é que a questão dos estudantes africanos(as) no Brasil não é um movimento de simples deslocamento de indivíduos entre um país de origem e um país de acolhimento.

Os fluxos de estudantes vindos das colônias portuguesas da África aumentam cada vez mais nas instituições públicas de ensino superior no nordeste brasileiro, tanto na diversidade de origem étnica, passando a apresentar um perfil escolar e etário que, pelas suas especificidades, contribuem positivamente na reconfiguração do perfil do corpo discente, na dinâmica internacional do espaço acadêmico e no processo de internacionalização dos saberes promovidos pelas instituições acolhedoras. Para Gusmão (2009), se faz necessário um debate acerca do processo intencionalmente da discriminação e racismo na realidade brasileira e a percepção e a vivência do sujeito negro e africano nesse contexto” (GUSMÃO, 2009, p.16).

Entre o Brasil e a África deve prevalecer relações mediadas pela prestação de contas, pela igualdade, pelo respeito mútuo e pela autonomia política, e, para isso, o convênio se

torna instrumento fundamental da imigração dos africanos para Brasil. Com base nestas afirmações, pretendemos verificar como se dão as relações entre africanos(as) com brasileiros(as) nas relações pessoais.

Conforme Souza e Malomalo (2016), cooperação externa do governo Lula coloca em relevo a autorização legal dos países do Sul. Isso expressa o consentimento ou apoio da crise política internacional, com a recuperação do aumento da “economia mundial e com lugar que a África veio a ocupar no início do século XXI”, na base do avanço de suas reservas.

A Diáspora africana e a imigração africana no Brasil do século XXI faz lembrar os africanos que migraram violentamente nos navios negreiros “para o Atlântico” no meado dos séculos XVI e XIX, e os seus filhos que nasceram nos engenhos, aliás, nas casas de senzala, e no tempo pós-abolição. Coloco esse tempo, porque faço parte dessa semente dos africanos que imigraram nesse espaço de tempo, no século XXI, de uma forma voluntária pelo Atlântico até o nordeste do Brasil na procura de conhecimento.

Interiormente da diáspora africana no Brasil, coloco uma particularidade do que é diferente daquelas que recebeu historicamente pelos descendentes de africanos/as e a outra, formada pelos imigrantes africanos/as, no final do século XX e XXI que migraram para outra continente (MALOMALO, 2016, p.6).

Langa (2014) destaca que a maioria dos estudantes relatou a questão da discriminação nas universidades, nas ruas, nos shoppings, nas lojas e ônibus, por conta de serem negros e imigrantes africanos, com níveis e aspectos diferentes das discriminações encontradas nos países de origem. O autor ainda sinaliza as dificuldades e as diferentes maneiras de discriminação encontradas pelos estudantes oriundos dos países africanos, aos quais se exigem esclarecimentos por meio de intimidações raciais e resignificar identidade de acontecimentos políticos e sociais, que indica algo social no mundo e um símbolo dramático ou subjugado no mundo contemporâneo.

Langa (2014), aborda também situações que ocorrem no dia a dia dos estudantes africanos(as) por alguns brasileiros que os desrespeitam, ao não os chamar pelo seu próprio nome, mas tratando-os pela forma pejorativa de ‘negão’. Sendo essa forma desprovida de reflexão de nacionalidade, tal como fazem ao misturarem todas as nacionalidades sob a categoria genérica de africano. Destaca também que, estudantes africanos(as), em suas trajetórias dentro da cidade de Fortaleza, estão muito distantes até dos negros brasileiros. Ao mesmo tempo, o autor afirma que raramente dizem que os estudantes africanos(as) são ricos e

que vieram das elites africanas, por outro lado costuma-se dizer que os africanos vêm ao Brasil para tomar os postos de empregos nacionais.

Segundo Souza e Malomalo (2016), a ‘UNILAB foi criada em 2008 com intuito de aproximar o Brasil e a África’. Mas o que percebemos é que os estudantes oriundos dos países africanos têm sofrido racismo, preconceito e xenofobia por parte dos habitantes do Maciço do Baturité. As formas de racismos que estes estudantes estão enfrentando no Maciço de Baturité são dos mais absurdos, como o sumiço do registro de um indivíduo negro e africano por meio de uma sentença judicial numa política institucional com ajuste das questões de gêneros e étnico-raciais. Em 2015, houve um surto de uma doença chamada ebola em alguns dos países africanos. Os habitantes de Baturité, nas suas características insensatas e insignificantes, tinham um olhar de forma generalizada e prostrada para todo o Continente Africano. Sem conhecerem de fato quais países estão sendo afetados pelo surto da doença ebola, essas visões distorcidas e preconceituosas acabavam lançando xingamentos e discriminação a todos africanos(as) que ali se encontravam. Outra forma de racismo e preconceito foi a discriminação racial constrangedora sofrida pela enfermeira negra por parte dos atendentes de uma clínica privada, em um país em que o patriarcalismo, a homofobia e o racismo, além do acompanhamento das relações cotidianas, fazem parte das instituições sociais (MOURE, 2010, SOUZA, 2014 apud SOUZA; MALOMALO, 2016, p.276).

Isso faz pensar sobre “a dimensão política pedagógica da profissão dentro da assistência estudantil dessa universidade”. A UNILAB por não ter cuidado nas questões colocadas pelos estudantes africanos(as) no Maciço de Baturité, oferece mais capacidade de pensar esse racismo (SOUZA; MALOMALO, 2016, p.285). De acordo com Gomes (2005), o preconceito é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo.

Uma consideração prévia mostra como forma fundamental a falta de tolerância, visto a ação a ser tomada sem tomar em consideração os princípios que contrariem essas pessoas. Mostra-se uma análise do conceito estabelecido com a antecedência dos fatos, sem nenhum critério de saber o real. Esse fato abarca os contatos da pessoa para pessoa e os “grupos humanos”. Também abarca todos os pensamentos de que as pessoas têm de si mesmas e também do outro. A prática do preconceito racial no Brasil mostra-se presente na realidade do sistema social brasileiro, onde as “desigualdades raciais” encontram-se no centro da sociedade. Portanto, defendemos a “superação do preconceito” como uma maneira de minimizar o racismo e a discriminação racial. O preconceito de cor ou preconceito racial é

apontado como a principal causa do mal-estar de um número considerável desses estrangeiros, nossos interlocutores, em terras brasileiras (SUBUHANA, 2009, P.17).

Há que mostrar gratidão que os “brancos”, algumas pessoas místicas e não muitos “negros” afirmam que não se consideram discriminados por motivo da sua pele (SUBUHANA, 2009, p.18). Neste contexto a “identidade negra” é compreendida como uma disposição das partes “sociais, históricas e culturais”, as quais estão cheias de intensidades emocionais, de problemas e das conversas. Também embarca na formação da visão da sociedade “étnico/racial” ou da pessoa que faz parte da mesma sociedade étnico/racial a respeito do sujeito, na base da socialização. Na contemplação, quando deparamos “com a identidade do outro”, onde algumas pessoas miscigenadas afirmam que não se acham de forma discriminadas por motivo da cor da sua pele. É através de si mesmo, visto que só o outro explica nossa inerente identidade.

Para Gomes (2002), a identidade negra é também uma construção política. E nesse caso, ela não deve ser considerada como um olhar ideológico ou fantasma. O que isso demonstra no texto a totalidade da descrição de “poder e dominação vividas historicamente pelos negros”. No Brasil e na diáspora a composição da ligação ao marcar os submissos da origem de cultura africana e reconduzir-se uma exortação no caminho de “vida e política” dos negros brasileiros. Gomes (2005) sintetiza, na citação a seguir, que o preconceito não é uma coisa que nasce com o indivíduo, mas sim, é algo embutido pelo indivíduo.

[..] O preconceito como atitude não é inato. Ele é aprendido socialmente. Nenhuma criança nasce preconceituosa. Ela aprende a sê-lo. Todos nós cumprimos uma longa trajetória de socialização que se inicia na família, vizinhança, escola, igreja, círculo de amizades e se prolonga até a inserção em instituição enquanto profissionais ou atuando em comunidades e movimentos sociais e políticos. Sendo assim, podemos considerar que os primeiros julgamentos raciais apresentados pelas crianças são frutos de seu contato com o mundo adulto. As atitudes raciais de caráter negativo podem, ainda, ganhar mais força na medida em que a criança vai convivendo em um mundo que a coloca constantemente diante do trato negativo dos índios, das mulheres, dos homossexuais, dos idosos e das pessoas de baixa renda [...] (GOMES 2005, p. 54/55).

A prática do preconceito racial no Brasil mostra-se presente na realidade do sistema social, cujas “desigualdades raciais” encontram-se no centro da sociedade. Defendemos “superação do preconceito” coletivamente com a maneira de minimizar o “racismo e a discriminação racial existente”.

7 METODOLOGIA

A pesquisa se desenvolverá através de estudos de cunho bibliográfico, documental e audiovisual, que oferecerão meios para que se tenha a sustentabilidade relativa às questões já explicitadas. Tradicionalmente, esta demonstração de pesquisa abrange material impresso como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e arquivos científicos. Porém, na faculdade da propagação das novas dimensões, estas pesquisas passaram a ter outros tipos de características, como no caso de discos, fitas magnéticas, CDs, material disponibilizado na Internet, etc. O método utilizado para a pesquisa documental e audiovisual será o método qualitativo. A pesquisa qualitativa demonstra formas que correspondem às necessidades da nossa pesquisa, pois envolve estudos sobre a imigração dos estudantes africanos(as) e os acontecimentos do racismo sofridos pelos estudantes africanos(as) no nordeste brasileiro, as quais não necessitam ser representativas em todos documentos, áudios e vídeos, considerando a forma viável e definição do problema e dos objetos da pesquisa, como mostra a coleta dos dados.

O objeto selecionado para tratamento dos documentos e áudios visuais será formulado a partir dos alunos(as) conveniados(as) nas universidades públicas do nordeste brasileiro. Todos os dados serão submetidos à análise interpretativa, sendo que as conclusões serão expostas através de resumos das análises, além de expor as limitações e as recomendações dos autores estudados.

De modo prático, toda pesquisa acadêmica tem como requisito básico, na porção da formação de trabalho, possuir a capacidade de pesquisa bibliográfica. Assim, na maioria das teses e dissertações presentes, um capítulo ou seção é dedicado à análise bibliográfica, a qual é realizada com o propósito de dar argumentação teórica ao trabalho, com vistas a desenvolver a aprendizagem acadêmica relativa ao tema.

[...] em algumas áreas dos conhecimentos, a maioria das pesquisas é realizada com base principalmente em material obtido em fontes bibliográficas. É o caso, por exemplo, das pesquisas no campo do direito, da filosofia e da literatura. Também são elaboradas principalmente com base em material já publicado, as pesquisas referentes ao pensamento de determinado autor e as que se propõem a analisar posições diversas em relação a determinado assunto [...] (GIL, 2010, p.29-30).

O mais importante da pesquisa bibliográfica consiste na realidade em possibilitar o revestimento de uma escala da manifestação muito mais espaçosa do que aquele que poderia pesquisar de forma minuciosa. De acordo com Gil (2010, p.30) “essa vantagem torna-se

particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço”. Para sustentar sua ideia, Gil mostra que o pesquisador não precisa se locomover por todo globo em procura “de dados sobre população ou renda per capita”, por exemplo, pois se ele dispõe de bibliografia correspondente ao seu objeto de estudo, “não terá maiores” dificuldades ou impedimentos na realização das informações necessárias (GIL, 2010, p.30).

De acordo com Luiz et al. (2007), a pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses. Pode ocorrer de maneira independente ou como porção de pesquisa que se consegue descrever ou verificar a qualidade. Os dois procuram ter a consciência e verificar as funções naturais ou científicas do passado acerca de referido assunto, “tema ou problema” (LUIZ et al., 2007, p.60). Luiz et al. (2007) destacam que uma pesquisa bibliográfica:

[...] em alguns sectores das ciências humanas, a pesquisa bibliográfica, quando é realizada independentemente, percorre os passos formais do trabalho científico. Por outro lado, quando é feita com o intuito de recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema para o qual se procura resposta ou acerca de uma hipótese que se quer experimentar, a pesquisa bibliográfica constitui parte da pesquisa descritiva ou experimental [...] (LUIZ et al., 2007, p. 60).

A pesquisa bibliográfica é centro de criação de grau máximo a formar o procedimento central para estudo monográfico, pelo qual se procura preponderância do estado da arte acerca de referido tema. Como trabalho acadêmico original, forma-se a pesquisa referida no campo das humanidades. Para finalizar o assunto, forma-se no sentido geral o primeiro andamento de qualquer pesquisa acadêmica. As arenas acadêmicas devem ser iniciadas nos “métodos e nas técnicas da pesquisa bibliográfica (LUIZ, et al., 2007, p.61) ”.

Segundo Gil (2010, p.30) “a pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos”. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados, se não com base em dados bibliográficos. Essas prerrogativas da pesquisa bibliográfica têm, contudo, correspondências que podem colocar em perigo as características da pesquisa. Várias vezes, as “fontes secundárias” mostram dados contribuintes da pesquisa ou denunciados de maneira errada. Para limitar essa contingência, é conveniente aos pesquisadores garantirem a essência dos “dados obtidos”, averiguando em profundidade cada informação para encontrar todas as condições essenciais para se desenvolver (GIL, 1949, p.30).

Conforme Gil (2010, p.30) a pesquisa documental é utilizada em praticamente todas as ciências sociais e constitui um dos delineamentos mais importantes no campo “da história e da economia”. Como primeiro esboço, mostram-se muitas definições parecidas com a pesquisa bibliográfica, apresentadas nos dois tipos das formas dos dados estabelecidos. O

fundamental ponto da separação está na natureza das fontes. A pesquisa bibliográfica tem base em matérias formuladas por autores como aquilo que se busca atingir de “ser lido” por interesse público. Enquanto que a pesquisa documental se vale de todo destino de documento, desenvolvidas como propósito e qualidade de modificação, tais como sentimento, autorização, comunicação, etc.

A pesquisa documental passa a possuir como origem os documentos na interpretação mais abrangente, ou seja, não só de documentos impressos, mas, sobretudo de outras formas de documento, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais, etc. Nestes casos, o sentido do texto ainda não possuiu nenhuma transformação, é ainda assunto importante, a partir da qual o pesquisador vai aumentar o seu conhecimento intelectual nas suas indagações e métodos de pensamento, os quais se baseiam na divisão de um problema em partes simplificadas para melhor compreendê-lo (SEVERINO, 2007, p.123).

Gil (2010) destaca que na pesquisa bibliográfica, há fontes que ora são consideradas bibliográficas, ora documentais. Por exemplo, relatos de pesquisas, relatos e boletins e jornais de empresa, atos jurídicos, compilações estatísticas, etc. De maneira geral, é considerada fonte documental quando o material é tomado como guia interno “a organização, e fonte bibliográfica quando for obtido em biblioteca ou bases de dados”. De acordo com Gil (2010, p.31), o conceito de documento, por sua vez, é bastante amplo, já que este pode ser constituído por qualquer objeto capaz de comprovar algum fato ou acontecimento.

Com objeto de natureza das fontes usadas no seu ponto de vista ou opinião para entender o objeto, a pesquisa “pode ser bibliográfica, de laboratório e de campo”. E nesse campo, a pesquisa bibliográfica é aquela que se desenvolve desde registros livres, posteriores de pesquisa desenvolvida antes, em “documentos impressos, como livros, artigos, teses”, etc.

Conforme Severino (2007), utiliza-se de dados ou categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registradas. Do texto altera-se a origem dos temas a serem pesquisados. O autor do trabalho, a partir das contribuições dos autores dos estudos, por meio de análise que não sofre alteração dos textos (SEVERINO, 2007, p.122).

Primeiramente, faremos três advertências importantes para falar sobre análise e interpretação de dados de pesquisa. Segundo Gomes (2015, p.79), a primeira delas diz respeito ao fato de a análise e a interpretação dentro de uma perspectiva de pesquisa qualitativa não terem como finalidade ser contra opiniões ou pessoas. O seu ponto mais importante, em que há ênfase de analisar de uma forma superficial do seu ponto de vista da ideia que concebem o mundo acerca do tema que desejo pesquisar.

Essa análise do material não necessariamente precisa abarcar todas as falas e expressões dos interlocutores porque, geralmente, a extensão sociocultural do modo de pensar e as exposições das sociedades das mesmas definições, hábitos em comum e as identidades de cada pessoa que fazem parte da intervenção efetuada (GOMES, 2015, p.79).

[...] segundo esse autor, na descrição as opiniões dos informantes são apresentadas da maneira mais fiel possível, como se os dados falassem por si próprios; na análise o propósito é ir além do descrito, fazendo uma decomposição dos dados e buscando as relações entre as partes que foram decompostos e, por último, na interpretação – que pode ser feita e das ações para se chegar a uma compreensão ou explicação que vão além do descrito e analisado. [...] (GOMES, 2015, p.79).

Na descrição desses três aspectos de tratamento de dados qualitativos, vale a pena analisar que elas não se distanciam na reciprocidade, de modo que não possuem distanciamento entre si. Isso demonstra que, quando escrevemos dados de uma pesquisa, podemos fazê-lo a partir de um esquema, averiguando o que dá para pensar acerca da sua explicação. Com a experiência da pesquisa pode-se explicar os dados sem caminhar pela descrição e a análise, sem tomar em conta que ambas possuem o mesmo fio condutor (GOMES, 2015, p.80).

[...] como terceira observação destacamos que, quando falamos de análise e interpretação de informações geradas no campo da pesquisa quantitativa, estamos falando de um momento em que o pesquisador procura finalizar o seu trabalho, ancorando-se em todo o material coletado e articulado esse material aos propósitos da pesquisa e à sua fundamentação técnica [...] (GOMES, 2015, p.80).

Dessa forma, Gomes (2015, p.81), se refere a uma etapa final do processo de investigação. No entanto, não podemos desconsiderar dois aspectos importantes. A ideia da busca para compreender e explicar que ocorre ao longo de todo o acontecimento. Na segunda etapa de pesquisa qualitativa quando finalizamos, notamos que é preciso voltar e consultar a fase anterior. Deste modo, se a reunião de conhecimento e de dados sobre a pesquisa não são suficientes para formular os “dados a partir das questões” da pesquisa, é obrigado começar novamente o trabalho de campo para procurar mais esclarecimentos sobre o funcionamento claro e escrever com precisão. Por outro lado, se não conseguimos produzir uma explicação dos dados que foram usadas no trabalho da pesquisa, visto que as nocividades de ficar visível na arena requerem outra análise, devemos recorrer às leituras para apresentar a nossa compreensão e explicá-lo.

De acordo com Gomes (2015), nossa experiência em pesquisa indica que não há fronteiras nítidas entre coletas das informações, início do processo de análise e a interpretação.

Nesse contexto o que é fundamental e necessário, no nosso entendimento, é desenvolver algo a partir das suas inferências antes de começar pelo primeiro passo de pesquisa. Na análise, é obrigatório examinar as inferências que vão ser usadas na pesquisa. Na base dessa reflexão, colocaremos nas seções que procedem na determinação por cima de análise de conteúdo e sobre método de interpretação de sentido.

De acordo com Gomes (2015), análise de conteúdo é uma adaptação da tradicional técnica que surgiu no âmbito da pesquisa qualitativa e, hoje, é amplamente aplicado em pesquisa qualitativa. Gomes (2015) destaca que no método interpretativo de sentido:

[...] já em relação ao método de interpretação de sentido, observamos que se trata de uma proposta ancorada em obra clássica do campo da pesquisa qualitativa e em nossa experiência adquirida com um grupo de pesquisadores que integram o centro Latino-Americano de Estado de Violência e Saúde (Claves), vinculado ao Instituto Fernandes Figueira (IFF), unidades da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Assim como na Análise de conteúdo, apresentaremos o assunto de forma resumida [...] (GOMES, 2015, p.81).

De acordo com Gomes (2015, p.82), a análise de conteúdo surgiu no início do século XX, num cenário em que predominava o behaviorismo. Essa ligação do pensamento ocasionou o início do “positivismo”, que recomendava uma maior dureza e “cientificidade” de tratamento. Os resultados dos trabalhos na análise de conteúdo têm por hábito a antecipação de análise, a investigação do material e o tratamento dos resultados. Na base do nosso conhecimento em pesquisa social insinuará uma mudança de análise, descrita a seguir (GOMES, 2015, p.91).

Ao realizar a pesquisa, buscamos diversas leituras dos vários autores renomados no assunto, de uma maneira sensata. Isso demonstra que para se ter a interpretação textual adequada é necessária uma boa leitura na fase inicial da pesquisa. A compreensão coletiva, para entender os dados coletados, para formular o conteúdo na base de análise de pesquisa e a sua explicação, mostra a conjuntura inicial de pesquisa e as diferenças quanto às definições teóricas para a análise do trabalho.

8 CRONOGRAMA

1° Trimestre Maio-Agosto de 2014	Participações nas aulas
2° Trimestre Setembro-Novembro de 2014	Participações nas aulas; reflexão sobre os temas para pesquisa.
3° Trimestre Fevereiro-Junho de 2015	Participações nas aulas; escolha do tema da pesquisa.
4° Trimestre Junho-Dezembro de 2015	Participações nas aulas; definição do orientador; apresentação do tema escolhido ao orientador; matrícula TCC1; orientação com o professor-orientador sobre a forma de elaborar um projeto de pesquisa. .
5° Trimestre Fevereiro de 2016	Participações nas aulas; definição do professor- orientador; apresentação do tema escolhido ao professor-orientador; matrícula TCC1; orientação e estudos com o professor – orientador sobre a forma de elaborar um projeto de pesquisa.
6° Trimestre Julho de 2017	Apresentação e Defesa do projeto de pesquisa

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICAS

BELLA, G.; CHRIST, G. 'Quando cheguei, descobri o que era ser negra': como africanos veem o preconceito no Brasil. **BBC News Brasil**. 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-38034668>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, de S. C. Maria. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

FAVERO, D. Africano faz protesto solitário contra racismo em frente ao Palácio Piratini. **G1**. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/11/africano-faz-protesto-solitario-contr-racismo-em-frente-ao-palacio-piratini.html>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

FÓRUM Estudantil da Unilab. **De onde vem sua xenofobia?** 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/1426616614264169/videos/1732474300345064/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). **Educação antirracista: caminhos abertos pela lei Federal na 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 39-62.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Revista Aletria: alteridades em questão**. Belo Horizonte, v.6, n.9, dez/2002.

GOMES, M. Africanos quebram barreiras, mudam cenário e já somam mais de 2 mil no Ceará. **Tribuna do Ceará**. 2015. Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/cotidiano-2/africanos-quebram-barreiras-e-ja-somam-mais-2-mil-no-ceara/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

GUSMÃO, Neusa M. M. de. Trajetos indenitários e negritude: jovens africanas/as no Brasil e em Portugal. **Impulso – Revista de Ciências Sociais e Humanas**, Piracicaba-SP, v.17, n.43, maio/ago. 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediação culturais**. Belo Horizonte: editora UFG, 2003.

LANGA, Brandão Neves Ercílio. Diáspora africana no Ceará – representação sobre as festas e as intenções afetivo-sexuais de estudantes africanos/as em Fortaleza. **Revista Lusófona de Estudos Culturais: Lusophone Journal of Cultural Studies**, v. 2, n.1, pp. 102-122, 2014.

MALOMALO, Bas’Ilele. Mobilização política da imigrante africana no Atlântico Sul pela conquista de direitos em São Paulo: caso da morte da Zulmira em 2012. **Revista Crítica**, v.7, n. 13, junho/2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científica**. São Paulo: Cartez, 2007.